



O protagonismo feminino a partir do associativismo na comunidade quilombola Ramal do Bacuri, Abaetetuba – Pará.

Female protagonism from associations in the Ramal do Bacuri Community, Abaetetuba - Pará.

COSTA DA SILVA, Érica¹; RODRIGUES GOMES, Moisés²; BATISTA PASTANA, Marciane³; AMORIM DE CASTRO, Roberta Rowsy⁴; DE FREITAS MAIA, Ricardo Eduardo⁵.

¹ UFPA, ericasilva0293@gmail.com; ² UFPA, mrgomesm@gmail.com; ³ Associação Raízes do Bacuri, marciane.batista2325@hotmail.com; ⁴ UFPA, robertarowsy@ufpa.br; ⁵ UFPA, ricardomaia@ufpa.br.

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: A participação das mulheres na agricultura familiar é comum em diversas atividades produtivas. No entanto, as mulheres não são vistas como indivíduos autônomos e independentes, mas como ajudante dos maridos nas atividades realizadas nos sistemas produtivos. Através da participação em organizações associativas, as mulheres têm ganhado visibilidade e reconhecimento. Este texto tem por objetivo apresentar o caso da construção do protagonismo feminino a partir da Associação de Mulheres Quilombolas Agroextrativistas - Raízes do Bacuri, da Comunidade Quilombola Ramal do Bacuri, localizada no município de Abaetetuba, Pará. A pesquisa realizada ocorreu, na comunidade em questão, durante três Estágios Supervisionados do curso de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba. Portanto, constatou-se que o protagonismo feminino é fortalecido por meio do associativismo, onde elas alcançam autonomia, benefícios coletivos e estímulo para continuar a luta em prol da permanência em seu território.

Palavras-chave: feminismo; agroecologia; organização social.

Introdução

A agricultura familiar é responsável pela maior parte da produção de alimentos no Brasil (IBGE, 2017). Neste panorama, a atuação das mulheres se dá a partir de várias atividades produtivas e sociais, além das atividades domésticas (NIERDELE et al., 2014).

No entanto, em relação às mulheres rurais, ainda existe preconceito quanto às atividades por elas realizadas, sendo estas ainda vistas como meras ajudantes dos maridos, mesmo desenvolvendo várias atividades produtivas (CORDEIRO, 2007). Isso vem de um processo histórico, fortemente enraizado no patriarcado, onde a mulher é vista como inferior ao homem (EIBEL, 2020).



Neste contexto, surgiram vários movimentos de gênero para o enfrentamento às desigualdades e opressões, buscando afirmar as mulheres como indivíduos autônomos e independentes (BETTO, 2001). Uma das formas para tal tem sido a organização associativa, pois como afirma Oliveira (2013, p. 2) “com sua atuação em organizações coletivas nas comunidades, participando da tomada de decisão, que elas têm ganhado visibilidade e reconhecimento”.

Diante do exposto, este texto tem por objetivo apresentar o caso de construção do protagonismo feminino a partir da Associação de Mulheres Quilombolas Agroextrativistas - Raízes do Bacuri, criada por mulheres agricultoras da Comunidade Quilombola Ramal do Bacuri, localizada no município de Abaetetuba, Pará.

Metodologia

As informações que resultaram neste resumo foram coletadas durante três Estágios Supervisionados do curso de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba, realizados nos períodos de 18 a 23 de julho e 21 a 25 de novembro de 2022, na Comunidade rural Ramal do Bacuri, município de Abaetetuba, Pará. A partir do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) foram aplicados questionários semiestruturados com perguntas abertas e fechadas, além de realizadas observações direta e participante, conversas informais e outras metodologias participativas coletivas, como FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) no sentido de obter as informações necessárias para atender aos objetivos dos estágios.

A partir disso e da participação em uma reunião da associação durante o estágio IV foi, então, conhecida a Associação de Mulheres Raízes do Bacuri, cujo processo de construção do protagonismo feminino será exposto.

Resultados e Discussão

Segundo os relatos, a Associação de Mulheres Raízes do Bacuri foi pensada, primeiramente, a partir de um convite, em 2011, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STTR) de Abaetetuba para participação de um encontro de formação destinado às mulheres agricultoras, promovido pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e outras parcerias. O encontro tratou sobre as temáticas da organização social e Agroecologia. Posteriormente, começaram a surgir novos convites destinados às mulheres, e, dessa forma, foi evidenciada a necessidade de formar uma organização, nesse caso, uma associação de mulheres. Vale ressaltar que, segundo as informações narradas pelas mulheres, na época já existia uma associação mista de homens e mulheres na comunidade. Mas, como exposto por uma das associadas, “havia machismo, o que fazia com que nossas demandas não fossem ouvidas ou consideradas, o que tornava a convivência e os diálogos insustentáveis” (Associada 1, 2022).



Um dos desafios enfrentados pela associação de mulheres, na sua organização inicial, foi a quebra do paradigma machista e da descredibilidade constante em relação à atuação delas, tanto por parte dos homens, quanto de algumas mulheres, que não as consideravam fortes e articuladas o suficiente para manterem a associação organizada e funcionando, proporcionando benefícios às associadas e também à comunidade.

A primeira reunião de articulação das mulheres aconteceu em 2012 com a presença de 45 mulheres, número que no decorrer dos encontros foi diminuindo. A criação da associação, segundo as entrevistadas, foi um processo “lento”, até, finalmente, a associação ser formalizada em 2013 com a primeira diretoria, contendo 15 associadas. Atualmente, conta com 35 associadas, sendo necessário, para se associar, pagar um valor de matrícula de R\$15,00 e mensalidade permanente de R\$5,00. Na sua gênese, a associação de mulheres surgiu com o objetivo de fortalecer os laços entre elas, a partir do empoderamento feminino, do reconhecimento e da valorização dos seus trabalhos e, conseqüentemente, de melhorias na renda, de maneira que pudessem ganhar visibilidade dentro e fora da comunidade.

Atualmente, a Associação Raízes do Bacuri proporciona a autonomia e certa independência econômica às associadas, além de capacitações promovidas a elas através de vários projetos e parcerias conquistadas, sendo a principal associação responsável por projetos desenvolvidos na comunidade. Dessa forma, o associativismo feminino ganhou vez e voz através da organização das mulheres em busca de melhorias e desenvolvimento para a comunidade.

Em diálogo com as interlocutoras, a associada 1 relatou que: “a gente busca melhorias para dentro da associação, mas muito do que temos lutado vai beneficiar a todos, não somente a nós, o que é bom”. O relato é corroborado pela associada 2, ao fazer referência ao desejo de implantação de um pronto-socorro na comunidade. Assim, foi notado que a união das associadas acontece de forma que garanta uma melhor qualidade de vida para elas e para os residentes da comunidade.

Como relatado pela associada 3, “através da associação nós conseguimos obter mais independência, não ficamos só em casa cuidando dos maridos”. A independência garantida a essas mulheres é devido a vários projetos conquistados por elas. Um dos projetos de maior relevância é a panificadora, construída na localidade no ano de 2018, que foi financiada via edital pelo Fundo DEMA em parceria com a FASE.

Na panificadora há produção de pães, rosquinhas, bolos e outros produtos que são vendidos por elas na própria comunidade. Além da produção realizada neste espaço, algumas associadas realizam a produção e a venda de produtos que fazem em suas casas, pois, devido às capacitações técnicas ofertadas junto com o projeto da padaria elas obtiveram conhecimentos para o fabrico de alimentos, contribuindo assim com a renda familiar.



Embora estas conquistas tenham sido possibilitadas pela atuação da associação, a associada 4 relatou uma situação que ocorria, quando recém associada, em sua residência, que a distanciava dos trabalhos na associação. Ela apontou: “meu marido ficava emburrado quando eu ia à associação realizar alguma tarefa importante ou principalmente quando ia para participar de algum encontro ou capacitação fora da comunidade”. O relato demonstra a visão patriarcal que impõe que o lugar da mulher é somente em casa e não onde ela deseja estar. Entretanto, com o passar do tempo, ela diz que ele tem aceitado melhor essa questão.

Outros projetos conquistados, além da panificadora, através da organização das mulheres, são: a construção de um galinheiro, no ano de 2019, financiado pelo Fundo DEMA juntamente com a FASE nas propriedades de algumas associadas. Como explicitado por elas, este é um projeto que possibilita maior renda para as famílias a partir da venda dos animais e, também, contribui na produção de alimentos; já o meliponário foi um dos primeiros projetos implantados através da associação de mulheres no ano de 2015, viabilizado em parceria com a Cáritas Brasileira, que permite a criação de abelhas sem ferrão para a venda da produção de mel e ajuda na polinização das culturas agrícolas nas proximidades das colmeias. Nesse projeto, também houve a capacitação das mulheres, proporcionada pela FASE, a respeito do manejo, captura e retirada do mel das abelhas para que o projeto, de fato, pudesse trazer retorno econômico para as famílias.

Além dos projetos anteriormente citados, há a implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) que foram implementados, inicialmente, no ano de 2020, nas propriedades de 10 associadas que se dispuseram e forneceram áreas para receber o projeto, que consiste na produção de diversas culturas consorciadas dentro dos agroecossistemas e foi pensado para promover o melhor desenvolvimento das espécies, o aproveitamento das áreas produtivas, a recuperação de solos degradados e a segurança alimentar. É importante salientar que os projetos dos SAFs foram financiados pelo Fundo DEMA com a contribuição da FASE, que foi o órgão responsável pela implantação e assistência técnica nas etapas do manejo.

As formações e as construções de conhecimentos na comunidade através do engajamento das mulheres na associação, em relato de uma das moradoras, possibilitaram a filha da associada 4, que estava associada há oito (8) meses, até o período do último estágio (ou seja, novembro de 2022), a realização de cursos e a participação em seminários e eventos em outros lugares, como um ocorrido na cidade de Cametá, Pará, que tratou das temáticas dos remédios caseiros e dos saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais. Estas iniciativas possibilitam o fortalecimento da agricultura familiar, corroborando para a valorização do feminismo na Agroecologia, e trazendo visibilidade para o movimento.

O compartilhamento de conhecimentos através de trocas de experiências e das técnicas adquiridas nas capacitações, a exemplo do artesanato, que também é realizado por essas mulheres, têm um forte elemento de socialização dos saberes tradicionais, bem como fomenta a construção de novos conhecimentos. Por conta



disso, o uso da oralidade para narrar as atividades diárias nos grupos de conversas para propagar as tradições a outras mulheres é incorporado num fluxo de informações em larga escala, alcançando interlocutores(as) de diversas idades. De fato, a Associação de Mulheres Raízes do Bacuri revela-se como um espaço com características multidimensionais e multifacetadas que favorece a disseminação de informações, da história e da oralidade e promove interações no e com o meio envolvente.

A interação, a articulação e as parcerias que a Associação possui com várias instituições, como a Universidade Federal do Pará e a Universidade Federal Rural da Amazônia, além das demais entidades anteriormente citadas, corrobora para que elas possam divulgar seus produtos para além do ambiente em que elas vivem. Essa relação é de suma importância, pois, em conversa, elas apontaram que uma das dificuldades que possuem é a comercialização dos seus produtos para além da comunidade, e com o auxílio dessas instituições, devido ao estreitamento de laços, elas conseguem expandir seu alcance de vendas. Com certa frequência, as associadas levam seus produtos (alimentos, artesanatos, remédios naturais, entre outros) para eventos que ocorrem na UFPA, Campus de Abaetetuba, por exemplo, a Feira da Agricultura Familiar. Tudo isso é possível através de parcerias efetivadas a partir da organização e do aproveitamento das oportunidades, que elas relataram serem de fundamental importância para o crescimento e o desenvolvimento delas e da associação.

Além disso, outras instituições como o Instituto Federal do Pará, Campus de Abaetetuba e de Castanhal, a Rede das Mulheres Protetoras e Defensoras da Amazônia e representantes da ONG alemã Aktionsgemeinschaft Solidarische Welt e.V. (ASW) já visitaram e conheceram o trabalho que essas mulheres vêm exercendo na comunidade. Essas experiências com as instituições e ONGs acrescentam bastante, haja vista a troca de conhecimentos proporcionada e a divulgação dos produtos que elas produzem, criam e comercializam.

Conclusões

O associativismo rural surgiu como uma oportunidade para melhoria de renda para as mulheres da Comunidade Ramal do Bacuri. Além disso, as associadas encontram na associação um ambiente de troca de conhecimentos e experiências, onde elas se empoderaram para enfrentar as dificuldades, como a falta de visibilidade que ainda existe no meio rural, o que, certamente, tem ajudado a permanecerem na comunidade e associadas.

Pode-se relacionar ainda o caso da Associação relatado aos princípios da Agroecologia, uma vez que, a partir da valorização da diversidade de gênero e das práticas sustentáveis que estas realizam, está havendo a transformação social de suas realidades, que é viabilizada também pelas parcerias construídas ao longo dos anos.



Na Associação de Mulheres Quilombolas Agroextrativistas Raízes do Bacuri, reafirma-se que o papel feminino na sociedade rural vai muito além das atividades domésticas, mas é propagador de força e fortalecimento da agricultura familiar. Portanto, quando essa força que elas possuem é firmada em conjunto com várias outras mulheres, como foi observado na associação abordada, elas alcançam autonomia, benefícios coletivos e estímulo para continuar a luta em prol da permanência em seu território.

Referências bibliográficas

BETTO, Frei. A marca do batom: como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo. [ALAI], América Latina em Movimento, 2001. Disponível em: <http://alainet.org/active/1375&lang=es>. Acesso em: 08 de julho. 2023.

CORDEIRO, Rosineide, L. M. "Agricultura familiar, trabalho feminino e ação coletiva". In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 14., 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ABRAPSO, 2007. p. 1-13.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Atlas do espaço rural brasileiro. Agricultura Familiar. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/atlasrural/pdfs/11_00_Texto.pdf. Acesso em: 09 de julho. 2023.

OLIVEIRA, Maria N. C. A representatividade feminina no associativismo produtivo na Amazônia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO, 10. 2019, Florianópolis. **Anais eletrônicos**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373321244_ARQUIVO_FG10MariaOliveira.pdf. Acesso em: 09 de julho. 2023.

EIBEL, Kelem D. **Desconstrução da cultura machista como pressuposto para efetivar a prevenção da violência contra a mulher:** um olhar da rede de enfrentamento de Lajeado/RS. 2020. Monografia (Curso Superior em Direito) - Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2020.

NIEDERLE, Paulo A.; FIALHO, Marco A. V.; CONTERATO, Marcelo A. A pesquisa sobre agricultura familiar no Brasil - aprendizagens, esquecimentos e novidades. **Revista de economia e sociologia rural**. Piracicaba-SP, v. 52, Supl. 1, p. S009-S024, 2014.